> Antropoceno e Capitaloceno em *Os Despossuídos*

> Anthropocene and Capitalocene in *Os Despossuídos*

Mariana Borda Gueiral
Doutoranda em Teoria, Crítica e Comparatismo, Estudos de Literatura, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: marianaborda96@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6467-8986

Cinara Antunes Ferreira
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil.
E-mail: cinara.pavani@ufrgs.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2520-5622

Resumo
Neste artigo, pretendemos analisar os conceitos que envolvem o Antropoceno e Capitaloceno, de acordo com um cotejo crítico entre Anarres e Urras, planetas centrais no romance de Ursula K. Le Guin, *Os despossuídos* (1973). Abordaremos como a ambiguidade utópica da estrutura política e social de Anarres pode inspirar diferentes formulações para o protagonismo destrutivo da humanidade ante os recursos naturais da Terra. Em contrapartida, apresentaremos o planeta Urras como um reflexo exacerbado da postura contemporânea capitalista que fomenta o Capitaloceno, termo alternativo ao Antropoceno.

Palavras-chave: Ursula K. Le Guin. Antropoceno. Capitaloceno. Ficção científica. Literatura estadunidense.

Abstract
In this article, we intend to analyze the concepts that envelop the Anthropocene and Capitalocene, according to a critical comparison between Anarres and Urras, central planets in *Os despossuidos* (1973), written by Ursula K. Le Guin. We will discuss how the utopian ambiguity of the political and social structure of Anarres can inspire different formulations regarding the destructive protagonism of humanity in relation to Earth's natural resources. On the other hand, we will present the planet Urras as an exacerbated reflection of the contemporary capitalist attitude that promotes the Capitalocene, an alternative term for the Anthropocene.

Keywords: Ursula K. Le Guin. Anthropocene. Capitalocene. Science fiction. American literature.

> Artigo recebido em 25.07.2024 e aceito em 03.10.2024.

Introdução

Quando a literatura de ficção científica se debruça sobre problemáticas, medos e pulsões humanas, encontramos profundas meditações sobre a nossa condição como indivíduos na Terra. Não é à toa que narrativas sobre utopias, realidades alternativas e formas alienígenas de outros planetas tornam-se expressões artísticas potentes que exploram as dúvidas e os receios humanos: questões que desafiam o viés propriamente científico. Como bem comenta a escritora Ursula K. Le Guin, em uma entrevista sobre o caráter de sua obra,

> Os escritores da ficção científica "padrão" descartam tudo, exceto, bem, física, astronomia e talvez química. Biologia, sociologia, antropologia – isso não é ciência para eles, é coisa banal. Eles não estão tão interessados no que os seres humanos fazem, na verdade. Mas eu estou. Recorro muito às ciências sociais. Eu tiro muitas ideias delas, principalmente da antropologia. Quando crio outro planeta, outro mundo, com uma sociedade, tento sugerir a complexidade da sociedade que estou criando, em vez de apenas me referir a um império ou algo parecido[1].

A qualidade dos escritos de Ursula está imbricado em seu interesse pelas complexidades e falhas humanas, além do "padrão" das obras populares de ficção científica. Com o intuito de contribuir para discussões interessadas nas profundidades que envolvem tais percepções, esse artigo analisará a conjuntura de dois planetas apresentados na ficção *Os despossuídos* (1973). O romance reflete sobre o então contexto político da época de seu lançamento: a Guerra Fria entre duas potências, o capitalismo estadunidense e o comunismo soviético, simbolizados, respectivamente, pelos planetas Urras e Anarres. Vale notar, porém, que Anarres é um planeta anarquista, já que a própria autora comenta que "(...) em um certo momento percebi que ninguém havia escrito uma utopia anarquista. Nós tivemos utopias, distopias socialistas e tudo mais, mas anarquismo – ei, isso seria divertido"[2].

Propomos, assim, deslocar as ponderações que remetem aos conflitos sócio-políticos da época de lançamento da obra para a urgência contemporânea das discussões que envolvem o conceito de Antropoceno, uma vez que

> O termo Antropoceno vem sendo usado com cada vez mais frequência por pesquisadores e profissionais das mais variadas áreas para destacar como

[1] "The "hard"–science fiction writers dismiss everything except, well, physics, astronomy, and maybe chemistry. Biology, sociology, anthropology—that's not science to them, that's soft stuff. They're not that interested in what human beings do, really. But I am. I draw on the social sciences a great deal. I get a lot of ideas from them, particularly from anthropology. When I create another planet, another world, with a society on it, I try to hint at the complexity of the society I'm creating, instead of just referring to an empire or something like that." John Wray, *The art of fiction, no. 221*, 2013, n.p, tradução nossa.

[2] "(...) at some point it occurred to me that nobody had written an anarchist utopia. We'd had socialist utopias and dystopias and all the rest, but anarchism—hey, that would be fun". *Ibidem*, tradução nossa.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

> a humanidade está mudando nosso planeta. O impacto previsto implicará esforços de adaptação por parte da humanidade, por conta de emissões de gases, hiperaquecimento global e forças geofísicas e biológicas que fugirão ao controle humano[3].

As reflexões sobre os planetas Anarres e Urras servirão como fonte para meditações sobre possíveis soluções para a crise ambiental do Antropoceno, termo que classifica o protagonismo humano perante a superexploração dos recursos naturais. Além disso, na seção sobre o hipercapitalismo de Urras, abordaremos um conceito alternativo, o Capitaloceno, visto que os embates em torno da nomenclatura para definição dessa ameaça apocalíptica que paira sobre a Terra tornam-se fontes para inúmeros debates.

Como argumentaremos ao longo desse artigo, a ficção de *Os despossuídos* extrapola a conjuntura de sua época de lançamento e oferece ponderações e possíveis soluções para os medos, paixões e inseguranças humanas da contemporaneidade. Autora de excelência, Ursula K. Le Guin é um dos grandes nomes da literatura de ficção científica, uma vez que foi a primeira autora de ficção científica publicada pela Library of America. Partamos, então, para a apresentação e contextualização da imperfeição utópica do planeta anarquista Anarres como alternativa à exploração desmedida dos recursos naturais que marca o Antropoceno.

Anarres e a ambiguidade utópica

Ao atentarmos para o subtítulo original da obra *The dispossesed – An ambiguous utopia,* percebemos o planeta Anarres como uma possibilidade imperfeita de utopia. O planeta é apresentado, ao longo da narrativa, como um lugar onde os habitantes odonianos vivem em equilíbrio com um ambiente que não oferece possibilidade de ampla exploração e abundância. Se no planeta capitalista Urras, com prados verdes e riquezas naturais, os urrastis agem como protagonistas incontestáveis de um ambiente ancorado na fartura, a limitada fonte de alimento, energia e água em Anarres exige uma postura distinta. A utopia anarquista proposta pela autora, dessa forma, encara uma perspectiva de imperfeição ancorada pelo ambiente quase hostil de Anarres, visto que

> O planeta é seco e sujeito à seca; suas formas de vida vegetal e animal são poucas; e a sua única riqueza deriva dos minerais extraídos para o comércio com Urras, o planeta irmão e inimigo político. Quando os tempos

[3] Sonia Torres, O antropoceno e a antropo-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação, *Ilha do Desterro*, 2017, p. 94.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

> são piores em Anarres, a sustentabilidade da vida humana é genuinamente ameaçada. Assim, se a anarquia em Anarres é utópica - e em certo sentido é certamente pretendida que o seja - é contra as probabilidades ambientais[4].

Argumentamos que a escolha para uma definição de *ambiguous utopia* parte do fato de que a perpetuação dos odonianos[5] no planeta anarquista depende da completa adaptação às condições ambientais do planeta. Ao ponderarmos, dessa forma, sobre a possibilidade de uma utopia imperfeita como Anarres, encontramos alternativas que deslocam o protagonismo humano com tendências apocalípticas perante os recursos naturais da Terra. Como solução utópica para as catástrofes naturais e ao perigo imanente do Antropoceno na Terra, apresentaremos as condições ambientais desse planeta anarquista. Convém citar que, de acordo com Bruno Latour, a definição do Antropoceno marca uma nova perspectiva geo-histórica:

> (...) pela primeira vez na geo-história, alguém iria fazer a declaração solene de que a força mais importante que moldava a Terra era a da humanidade tomada como um todo e como uma unidade. Daí o nome proposto, Antropoceno (ceno para "novo", antropos para "humano")[6].

Vejamos, então, como os odonianos exploram, vivem e se organizam em Anarres. Nesse planeta quase indiferente à vida, Anarres torna-se o local onde os anarquistas vivem após o levante em Urras, cerca de duzentos anos antes de acompanharmos o protagonista do romance, Shevek. Percebemos, pela descrição das condições ambientais do planeta, que a escolha de Urras em enviar os dissidentes e discípulos de Odo para Anarres não surgiu por empatia ou solidariedade ao levante anarquista. Descobrimos, assim, o porquê de Urras ter encarado Anarres com a indiferença exploratória, já que o excesso, o verde e a abundância de Urras não poderiam ser equiparados à situação ambiental de Anarres:

> Mas o Éden de Anarres revelou-se árido, frio e ventoso, e o restante do planeta era pior. A vida ali não evoluíra além de peixes e plantas sem flores. O ar era rarefeito, como o ar de Urras em grandes altitudes. O sol queimava, o vento congelava, a poeira sufocava. Durante duzentos anos

[4] "The planet is dry and prone to drought; its plant and animal life forms are few in number; and its only real wealth derives from the minerals it mines to trade with Urras, its sister planet and political enemy. When times are at their worst on Anarres, the sustainability of human life is genuinely threatened. Thus, if the anarchy on Anarres is Utopian - and in some senses it is surely intended to be - it is so against the environmental odds.", Daniel P. Jaeckle, Embodied Anarchy in Ursula K. Le Guin's The Dispossessed. *Utopian Studies*, 2009, p. 76, tradução nossa.

[5] Odo é a persona política mais importante de Anarres, pois foi a líder do levante anarquista em Urras e a articuladora dos preceitos que formariam, posteriormente, a estrutura do planeta anarquista. Sua figura é reverenciada de forma quase mítica pela população de Anarres.

[6] "(...) for the first time in geohistory, someone was going to make the solemn declaration that the most important force shaping the Earth was that of humanity taken as a whole and as a single unit. Hence the name proposed, the Anthropocene (cene for 'new', anthropos for 'human')", Bruno Latour, *Facing Gaia*: eight lectures on the new climate regime, 2017, p.112, tradução nossa.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

> após o primeiro pouso, Anarres foi explorado, mapeado, examinado, mas não colonizado. Por que partir para um deserto uivante quando havia espaço de sobra nos vales graciosos de Urras?[7]

A partir da expulsão dos odonianos para Anarres, não teríamos como observar a experiência dos anarquistas perante o solo fértil de Urras. Dentro de um planeta hostil, é através da cooperação mútua que a população de Anarres permanece e se multiplica. Nesse ambiente inóspito, os odonianos procuram um ponto de equilíbrio entre as necessidades para sobrevivência e as condições ambientais do planeta. A postura existencial dos anarquistas, portanto, é submetida aos limites dos recursos naturais de Anarres. Fiéis seguidores dos preceitos de Odo, anarquista mártir de Urras que não chegou a ver sua utopia realizada, os odonianos ancoram a sobrevivência do grupo na vontade e iniciativa individual de partilhar, já que são movidos pelo bem comum e pelo desprezo por uma centralização de poder:

> (...) não haveria um controle central, uma capital, um estabelecimento para perpetuar a engrenagem da burocracia e o impulso de dominação de indivíduos ávidos por se tornarem comandantes, patrões, chefes de Estado[8].

Ao longo da ficção, percebemos que Anarres não é convidativa para formas de vida orgânica complexas. Para suprir as necessidades dos habitantes de Anarres, os odonianos contam com as cooperativas e a divisão de trabalhos para explorar e adquirir o suficiente para a sobrevivência e continuidade de seu povo. Não há fome a não ser em eventos de seca extrema: "Milênios de seca mataram as árvores e secaram o solo até torná-lo uma poeira fina e cinza que agora levantava ao menor vento"[9]. Nesse caso, a fome e a necessidade é experimentada por todos. Anarres não é um planeta controlável; é seco, antagonista, limitado: "Havia pouca água corrente em Anarres; o lençol aquífero era baixo na maioria dos lugares, os rios eram curtos. Somente nas montanhas havia correntezas."[10]. Por fim, percebemos Anarres como

> apenas ambiguamente bom, (...) essa ambiguidade está implícita em seu princípio organizador, em que o estilo de vida dominante não é permanentemente definido, mas permite, na verdade exige, escolhas pessoais para atender às inevitáveis mudanças sociais e ambientais[11].

[7] Ursula K. Le Guin, *Os despossuídos*, 2019, p.99.
[8] *Ibidem*, p.100.
[9] *Ibidem*, p.54.
[10] *Ibidem*, p.177.
[11] "only ambiguously good, (...) that ambiguity is implicit in its organizing principle, that the dominant life style is not permanently set but permits, indeed demands, personal choices to meet inevitable social and environmental changes", Judah Bierman, Ambiguity in Utopia: The Dispossessed. *Science Fiction Studies*, 1975, p.249, tradução nossa.

Dessa forma, para construir um planeta habitável, cada odoniano age perante uma noção de grupo consolidada pela divisão de trabalho e pela união com a causa anarquista.

O equilíbrio social e exploratório de Anarres

Os preceitos de união em meio a hostilidade do ambiente em Anarres podem ser personificados na figura do protagonista do romance, o físico Shevek, fiel seguidor dos preceitos da mártir e símbolo Odo. Fruto da consciência de união anarquista, encontramos Shevek em um momento de crise existencial, pois percebe seu planeta natal como um punho fechado: "visto do outro lado, o muro encerrava Anarres: o planeta inteiro estava dentro do muro, um grande campo de prisioneiros, apartado de outros mundos e outros homens, em quarentena"[12]. A desconfiança de Anarres em relação a outros planetas também ecoa em seu próprio território, já que não há governo centralizado na anarquia odoniana: "desde o início, os Colonos estavam cientes de que essa inevitável centralização trazia uma ameaça permanente, a ser combatida pela vigilância permanente"[13]. No entanto, os odonianos contam com a CPD, rede de administração e função. A partir das distribuições organizadas pela CPD, os anarquistas plantam, colhem, pescam e mineram o necessário para a sobrevivência.

Durante os duzentos anos de colonização de seu planeta, os odonianos existem como enclaves no solo hostil de Anarres. A continuidade de sua espécie depende da cooperação mútua e na descentralização das vontades humanas para a adaptação completa aos recursos do planeta. Por conseguinte, os anarquistas moldam a perpetuidade de sua espécie de acordo com as imperfeições de Anarres. Para a sobrevivência no planeta inóspito, os anarquistas embasam a sua ideologia de acordo com a ética que denuncia o excesso como excremento. Nessa utopia ambígua proposta por Ursula K. Le Guin, encontramos uma possibilidade de vislumbrar na experiência dos anarquistas uma maneira de repensar o desejo pelo excesso e pela abundância.

A fim de criar um comparativo entre o sistema de Anarres e Urras, o próximo segmento analisará o planeta capitalista como homônimo ao sistema em que estamos inseridos na Terra, de acordo com uma análise sobre o Capitaloceno (termo alternativo ao Antropoceno) em relação ao sistema de Urras.

[12] Ursula K. Le Guin, *Op. Cit.*, 2019, p.11.
[13] *Ibidem*, p.101.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Dois planetas, duas luas: reflexões sobre Anarres e Urras

Os planetas Anarres e Urras existem como suas respectivas luas, duas presenças em contrastes: anarquia *versus* capitalismo, adaptação à natureza e anarquia *versus* exploração desmedida e capitalismo. Até aqui, pensamos sobre Anarres como um sistema alternativo de organização social e descentralização da exploração do humano perante a natureza. Pretendemos, nessa seção sobre Urras, aprofundar os principais conceitos que regem o planeta capitalista, para que assim seja possível refletirmos sobre o conceito de Capitaloceno de acordo com a micro e macropolítica de Urras.

Retomamos a excentricidade do solo, o ambiente e o equilíbrio entre necessidade e exploração dos recursos naturais do planeta dos anarquistas. No entanto, a imperfeição utópica de Ursula K. Le Guin fica evidente pela percepção do físico Shevek, protagonista da obra. Shevek percebe que a burocracia de Anarres impede que ele publique a sua Teoria Temporal Geral. Movido pelo pensamento da perpétua revolução anarquista e fiel seguidor dos preceitos de Odo, Shevek busca contato com Urras após perceber que Anarres não compactua com a intervenção de pensamentos dissidentes que reivindicam a expressão além das "normas" calcificadas pelos agentes do CPD. Decepcionado com a burocracia de seu planeta, o protagonista escolhe agir sem medo para conhecer Urras, o planeta origem de todos os odonianos. Shevek argumenta que deseja compartilhar a sua Teoria Temporal com todos os planetas, liberdade garantida por Urras: "Vim pela ideia. Por causa da ideia. Para aprender, para ensinar, para compartilhar a ideia. Em Anarres, nós nos isolamos, sabe. Não conversamos com outros povos, com o resto da humanidade"[14].

Ao longo da narrativa, compreendemos que o centro administrativo de Anarres deve ser constantemente vigiado pelos odonianos. Essa vigia dos anarquistas perante a centralização do CPD de Anarres, fechado em si e contra o compartilhamento e disseminação de novas ideias, surge para Shevek como símbolo de ideais traídos, distantes da revolução perpétua proposta por Odo. Shevek almeja, assim, "quebrar os muros" de Anarres:

> Não podia se rebelar contra sua sociedade, pois sua sociedade, propriamente concebida, era uma revolução, uma revolução permanente, um processo contínuo. Para reafirmar sua validade e força, pensava ele, era preciso apenas agir, sem medo de punição e sem a esperança de recompensa; agir como o centro da alma[15].

[14] *Ibidem*, p.337.
[15] *Ibidem*, p.176.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Em meio aos protestos dos odonianos, Shevek viaja para Urras, já que o planeta se mostra aberto ao diálogo e à publicação de sua Teoria, que promete comunicação instantânea entre os planetas – algo que, para um planeta "fechado" como Anarres, não seria visto com bons olhos. O protagonista, assim, parte para o planeta capitalista com o parco conhecimento de que os odonianos possuem sobre Urras, baseado nas aulas que frequentaram durante a adolescência. O quadro que os anarquistas possuem de Urras é o perfeito retrato de uma oposição a Anarres: um planeta onde proprietários são homens e as mulheres são objetos, onde a miséria extrema é tratada com escárnio e indiferença brutal, vide as imagens que são apresentadas aos jovens de Anarres para retratar a ideologia capitalista de Urras:

> Tinham visto também cadáveres de crianças, cabeludas como eles, empilhados numa praia, como ferro-velho compactado e enferrujado, e um velho derramando gasolina sobre as crianças e ateando fogo. 'Uma grande fome na província de Bachfoil, da Nação de Thu', disse o comentarista. 'Os corpos das crianças mortas de fome e doença são queimados nas praias. Nas praias de Tuis, a setecentos quilômetros de distância, na Nação de A-Io (e aí apareceram os umbigos enfeitados de joias), mulheres mantidas para uso sexual dos membros machos da *classe de proprietários* (...) ficam deitadas na areia o dia todo, até que o jantar lhe seja servido pela classe dos *não proprietários*'[16].

As imagens das crianças mortas e das mulheres enfeitadas para o prazer sexual dos proprietários assombram o jovem Shevek. No entanto, a constante desilusão com Anarres impele-o para Urras. Desde sua chegada ao planeta, Shevek é acolhido pelos proprietários de Urras e mantido em uma redoma de prédios soberbos, cientistas laureados, ruas belas e asfaltadas. Aos poucos, o odoniano percebe que o interesse de Urras em sua Teoria Temporal é puramente fundado na ideia de poder e domínio bélico perante os outros planetas: "Estou deixando os proprietários *comprarem a verdade* de mim"[17]. Assim, Shevek perpassa pelo ruir de suas ilusões sobre as possibilidades de Urras (como a liberdade de expressão que interessa um pensador brilhante como o protagonista), de acordo com a comprovação do vazio existencial, da alienação das mulheres e do abismo social entre os proprietários e não proprietários do planeta capitalista.

Durante a sua estadia e entendimento das estruturas que dominam Urras, Shevek vislumbra os principais vetores que orientam o planeta: o imperialismo ancorado no sentimento de superioridade moral, a hipermasculinidade e patriotismo dos proprietários — "'Sangue e aço, clarão da batalha', (...) O

[16] *Ibidem*, p.50, grifo da autora.
[17] *Ibidem*, p.338, grifo da autora.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

odonismo não entende a coragem... o amor à bandeira"[18] —, a alienação existencial dos urrastis e a ideologia capitalista que exclui a existência dos não proprietários. Como aponta Michael Pitts, "(...) embora a nação A-Io no romance, por exemplo, não deva ser analisada como um substituto simples e direto dos Estados Unidos, é em parte uma alegoria significativa da cultura americana contemporânea"[19].

Acompanhamos o constante incômodo do protagonista durante a sua estadia em Urras. Shevek, assim, questiona a subalternidade dos não proprietários, a anulação existencial das mulheres, o desejo exacerbado pelo poder bélico. No entanto, é apenas no final do livro, em um momento catártico de fuga dos proprietários urrastis e de encontro com os miseráveis de Ai-o, capital econômica e industrial de Urras, que o personagem vislumbra a verdadeira moralidade urrasti. A partir desse reconhecimento, a visão anarquista de Shevek é fortalecida pela percepção do sofrimento dos não proprietários: "- O que motivou Odo senão uma sensibilidade excepcional ao sofrimento, dela e alheio?"[20].

O planeta Urras e o Capitaloceno

De acordo com a alegoria citada por Pitts sobre Urras como um retrato ficcional dos Estados Unidos, pretendemos traçar um paralelo com Capitaloceno, termo proposto por Jason W. Moore[21]. A definição de Moore parte de um entendimento específico do Antropoceno ao focar na ganância humana e nas estruturas de poder que promovem a desigualdade. A perspectiva do historiador ambiental questiona, assim, uma abordagem abstrata das ações e do impacto humano perante a exploração da natureza.

O império de mais de quatro mil anos de Urras é fundado pela ideia de supremacia: a dos proprietários em relação aos não-proprietários. Para que a ideologia de Urras seja percebida de acordo com as suas particularidades e diferenças em frente à alternativa de Anarres ao Antropoceno, é interessante

[18] *Ibidem*, p.281.
[19] "(...) while the nation A-Io in the novel, for example, should not be analyzed as a simple, direct substitute for the United States, it is in part a significant allegory of contemporary American culture", Michael Pitts, Power, Control, and an Interplanetary Dialectic of Masculinities in Ursula K. Le Guin's The Dispossessed. *Extrapolation*, 2019, p.250, tradução nossa.
[20] Ursula K. Le Guin, *Op. Cit.*, 2019, p.69.
[21] MOORE, Jason W. (Org.). *Anthropocene or Capitalocene?: Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Andreas Malm, Eileen Crist, Donna J. Haraway, Elmar Altvater, Daniel Hartley, Christian Parenti, Raj Patel. Oakland: PM Press, 2016.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

notar que as mulheres de Urras existem como objetos de prazer para os proprietários; elas são, assim, não-proprietárias no sentido existencial. A ideologia do planeta indica, como prontamente percebido por Shevek, que a "(...) questão de inferioridade e superioridade devia ser fundamental da vida urrasti. Se para sentir-se digno (...) precisava considerar metade da raça humana inferior a ele, como as mulheres faziam para se sentir dignas?"[22]. Podemos refletir, então, as múltiplas maneiras que Urras ancora sua perspectiva social, econômica e diplomática na celebração do falo: "[Shevek] estava atento aos três homens, às suas atitudes, enquanto sentavam ou se punham de pé ao seu lado, protetores, respeitosos, proprietários."[23].

A observação do protagonista perante o comportamento dos urrastis implica uma perspectiva fundada na hipermasculinidade dos proprietários, responsáveis pela formação de pensamento, pelas decisões bélicas, pela estrutura social e, consequentemente, pela divisão entre homens e mulheres, proprietários e não proprietários. A autora de *Os despossuídos*, dessa maneira, intersecciona a moralidade dos proprietários de Urras ao sistema capitalista do planeta: "Le Guin identifica em sua obra padrões sociais hierárquicos — consolidação de poder, controle, agressão e dominação — ligando performances masculinas individuais à macropolítica do patriarcado capitalista".[24] O retrato de Urras, assim, surge como clara oposição ao equilíbrio igualitário de Anarres.

Torna-se latente, em Urras, a ode ao sistema hierárquico entre proprietários e não proprietários, entre homens e mulheres, entre os urrastis e as outras civilizações. Shevek, uma vez que percebe as intenções do planeta capitalista, recusa ceder a possibilidade de uma comunicação instantânea proveniente de sua Teoria Temporal, já que significaria para Urras uma oportunidade para coagir sua pretensa "superioridade" moral e bélica sobre os outros planetas. Tais características aqui apontadas sobre Urras podem ser percebidas como uma versão, mesmo que deformada, do país de origem da autora do romance, visto que o sistema que pauta o Capitaloceno é fundado pela "(...) acumulação ilimitada de riqueza através de diversas tecnologias como guerra, colonização, privatização ou desapropriação"[25].

[22] *Ibidem*, p.27.
[23] *Ibidem*, p.33.
[24] "Le Guin identifies in her work hierarchical social patterns — power consolidation, control, aggression, and domination — linking individual masculine performances to the macropolitics of the capitalistic patriarchy", Michael Pitts, *Op. Cit*., 2019, p.252, tradução nossa.
[25] "(...) acumulación ilimitada de riqueza a través de varias tecnologías como la guerra, la colonización, la privatización o el despojo", Francisco Serratos, *El Capitaloceno*: una historia radical de la crisis climática, 2020, p.37, tradução nossa.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Comentamos sobre a adaptação dos odonianos em relação à escassez do ambiente em Anarres. Em contraste, a riqueza de recursos em Urras serve como impulso para o sentimento de supremacia dos proprietários. O capitalismo do planeta, assim, está conectado à abundância de seus recursos naturais. O excesso de verde serve como fonte de questionamento para Shevek, que desde pequeno aprende, pelas condições de Anarres, a perceber a natureza como protagonista e detentora dos limites para a sobrevivência dos odonianos. Em Urras, o anarquista reflete sobre as razões para os privilégios naturais do planeta: "O que os urrastis tinham feito para merecê-la? Por que lhes era dada com tanta opulência, tanta benevolência, e com tão pouca, muito pouca, para o seu próprio povo?"[26].

Atualmente, presenciamos as calamidades naturais provenientes do protagonismo humano perante a natureza. O futuro incerto da Terra, seja pelo Antropoceno ou Capitaloceno, torna-se fonte de ansiedade. A discussão aqui levantada sobre as duas nomenclaturas para a superexploração da Terra não busca definir a vitória do Capitaloceno em relação ao Antropoceno, pois "nem todos os poderes do Anthropos são dominados pelo Capital"[27]. Argumentamos, assim, que Anarres surge como uma possibilidade de equilíbrio entre estrutura social e descentralização do humano ante a natureza na Terra. Urras, por outro lado, surge como um reflexo, mesmo que desfigurado pela verve ficcional de Ursula K. Le Guin, da nossa condição perante o Capitaloceno.

Conclusão

Em um dos últimos capítulos de *Os despossuídos*, Shevek busca abrigo na embaixada do planeta Terran em Urras, após participar de um levante popular contra os proprietários do planeta. Momentos antes, Shevek havia socorrido um homem em meio às balas e à violência crescente dos proprietários para suprimir as manifestações pacíficas dos não proprietários. Na sala da embaixadora de Terran, depois de ver um homem agonizar e morrer pela repressão de Urras, Shevek não esconde sua revolta:

> Urras é uma caixa, um embrulho, com toda essa linda embalagem de céu azul, prados, florestas e grandes cidades. E então você abre a caixa, e o que há dentro? Um porão escuro cheio de poeira e um homem morto. Um homem cuja mão foi arrancada a tiros por tê-la estendido aos outros. Finalmente conheci o inferno. (...) É Urras; o inferno é Urras[28].

[26] Ursula K. Le Guin, *Op. Cit.*, 2019, p.205.
[27] Raúl García Barrios e Nancy Merary J. Martíneza, Antropoceno ou Capitaloceno?, Unisinos: *Instituto Humanitas*, 2020, n.p.
[28] Ursula K. Le Guin, *Op. Cit.*, 2019, p.339.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

Ao ouvir o discurso de Shevek, a embaixadora Keng toma a palavra e explica a sua perspectiva em relação a Urras. Compreendemos, pelas palavras da diplomata, que Terran pode ser definida como uma clara analogia ao planeta Terra. Ela conta a Shevek sobre o colapso social e ambiental de seu planeta devastado pela ganância humana: "Não sobrou nenhuma floresta na Terra. O ar é cinza, o céu é cinza, está sempre quente. É habitável, ainda é habitável, mas não como este planeta"[29]. Para o choque de seu interlocutor, a diplomata finaliza: "Só podemos olhar de fora este esplêndido planeta Urras, esta sociedade cheia de vida, este Paraíso."[30]. Vislumbramos, portanto, a incapacidade dos terranos de conceber uma alternativa de vida contraria à superexploração da natureza e de outros seres humanos, mesmo que o colapso de Terran tenha decorrido em consequência da voracidade desse mesmo sistema. Atordoado, Shevek responde:

> (...) não podemos vir até vocês. Vocês não deixam. Não acreditam em oportunidade, em evolução. Vocês prefeririam nos destruir a admitir a nossa realidade, a admitir que existe esperança! Não podemos vir até vocês. Só podemos esperar vocês virem até nós[31].

O diálogo acima possibilita uma reflexão sobre a urgência de questionarmos a nossa obtusidade perante a natureza, bem como a estrutura social e política que alimenta a ganância ambiental, social e política. De acordo com as palavras de Keng, vislumbramos a perspectiva de Slavoj Žižek sobre a inépcia do ser humano em aderir a sistemas alternativos de sobrevivência: "Talvez as próximas crises ecológicas, longe de minar o capitalismo, sirvam como o seu maior impulso"[32].

Pela cooperação e adaptação dos odonianos em Anarres, podemos refletir sobre alternativas perante o *anthropos* exarcebado na Terra, uma vez que vivemos "(...) sob o peso de um acontecimento gigantesco que se esgueirou pelas nossas costas sem que realmente percebêssemos, sem que resistíssemos"[33]. Somos, ao contrário dos seres que vivem em Anarres, indiferentes às condições da Terra; vivemos para presenciar os efeitos devastadores dessa indiferença:

> A época em que vivemos é de aumento constante de temperaturas, onde ocorre a sexta extinção em massa de espécies, a desertificação de grandes territórios anteriormente selvagens, o abuso de combustíveis fósseis, a acidificação dos oceanos e a inundação destes com toneladas de plástico, o

[29] *Ibidem*, p.340.
[30] *Ibidem*, p.341.
[31] *Ibidem*, p.342.
[32] "Perhaps the forthcoming ecological crises, far from undermining capitalism, will serve as its greatest boost", Slavoj Žižek, *Living in the end time*, 2010, p.329, tradução nossa.
[33] "(...) under the weight of a gigantic event that has crept up on us behind our backs without our really realizing it, without our putting up a fight", Bruno Latour, *Op. Cit.*, 2017, p.9, tradução nossa.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 6, nº 1, 2024
ISSN 2596-0911

> derretimento dos polos e um longo e doloroso etc. que ameaça a existência de milhões de pessoas em todo o mundo[34].

Ponderamos, por fim, sobre a condição natural e política dos planetas centrais de *Os despossuídos*: Anarres e Urras. Relacionamos tais planetas com o Antropoceno e (ou) Capitaloceno da Terra. De acordo com a leitura contemporânea e interessada nos motivos para a devastação da Terra, o desastre do planeta de Keng adquire ares de prelúdio distópico. Percebemos, com assombro, o diálogo entre um odoniano e uma terrana no ápice da narrativa, pois não obstante o fracasso de Terran perante as ações humanas desmedidas, a terrana encontra em Urras, império milenar fundado na desigualdade entre proprietários e não-proprietários, no culto ao falocentrismo e na persistência de guerras obsoletas para afirmar a sua "liderança" interplanetária, uma imagem do esplêndido "Paraíso".

[34] "La época en la que vivimos es un constante incremento de temperaturas, donde ocurre la sexta extinción masiva de especies, la desertificación de grandes territorios antes selváticos, el abuso de combustibles fósiles, la acidificación de los océanos y la inundación de estos con toneladas de plástico, el derretimiento de los Polos y un largo y doloroso etcétera que amenaza la existencia de millones de personas alrededor del mundo.", Francisco Serratos, *Op. Cit*., 2020, p.19, tradução nossa.

Referências

BARCELOS, E. Antropoceno ou Capitaloceno: da simples disputa semântica à interpretação histórica da crise ecológica global. *Revista Iberoamericana de Economia Ecológica*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 1–17, nov., 2019. Disponível em: https://redibec.org/ojs/index.php/revibec/article/view/356. Acesso em: 2 jan. 2023.

BARRIOS, Raúl García; MARTÍNEZ, Nancy Merary J. Antropoceno ou Capitaloceno?. Unisinos: *Instituto Humanitas*, julho 2020. Tradução Cepat. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601014-antropoceno-ou-capitaloceno?gclid=Cj0KCQiAq5meBhCyARIsAJrtdr6vhH_ci_7g10VnfvKeJQ3TOdxHad0LLRnueMnrsHGMbM1he8CmibEaAvzYEALw_wcB. Acesso em: 2 jan. 2023.

BIERMAN, Judah. Ambiguity in Utopia: The Dispossessed. *Science Fiction Studies*, Indiana State University, v. 2, n. 3, p. 249-255, nov., 1975. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/4238976. Acesso em: 2 jan. 2023.

JAECKLE, Daniel P. Embodied Anarchy in Ursula K. Le Guin's The Dispossessed. *Utopian Studies*, Penn State University Press, v. 20, n. 1, p. 75-95, 2009. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/20719930. Acesso em: 2 jan. 2023.

LATOUR, Bruno. *Facing Gaia*: eight lectures on the new climate regime. Cambridge: Polity Press, 2017.

LE GUIN, Ursula K. *Os despossuídos*. Tradução de Susana L. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2019.

MOORE, Jason W. (Org.). *Anthropocene or Capitalocene?: Nature, History, and the Crisis of Capitalism*. Andreas Malm, Eileen Crist, Donna J. Haraway, Elmar Altvater, Daniel Hartley, Christian Parenti, Raj Patel. Oakland: PM Press, 2016.

PITTS, Michael. Power, Control, and an Interplanetary Dialectic of Masculinities in Ursula K. Le Guin's The Dispossessed. *Extrapolation*, Liverpool University Press, v. 60, n. 3, 249-273, 2019. Disponível em: https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/full/10.3828/extr.2019.16. Acesso em: 2 jan. 2023.

SERRATOS, Francisco. *El Capitaloceno*: una historia radical de la crisis climática. México: Festina Publicaciones: 2020.

TORRES, Sonia. O antropoceno e a antropo-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 70, n. 2, p. 93-105, mai/ago, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ides/a/8dFjr85xDGQZ7P4ZdkRXkKB/abstract/?lang=pt. Acesso em: 2 jan. 2023.

WRAY, John. Ursula K Le Guin, The art of fiction. *In*: *Ursula K Le Guin, The art of fiction, no. 221*. The Paris Review: John Wray, 2013. Disponível em: https://www.theparisreview.org/interviews/6253/the-art-of-fiction-no-221-ursula-k-le-guin. Acesso em: 2 jan. 2023.

ŽIŽEK, Slavoj. *Living in the end times*. Londres: Verso, 2010.